

## O RITMO, O TEMPO, O ESPAÇO

| DENILE THÉ<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho se propõe a abordar o valor e a importância do ritmo, do tempo e do espaço na constituição e no desenvolvimento humano, segundo o psicanalista D. W. Winnicott. Ressalta como esses mesmos aspectos repercutem na clínica psicanalítica que tem por base o cuidado, no setting analítico. Tal compreensão é permeada pelas ideias contidas no que foi denominado Três C's, ou seja, confiança – comunicação – continuidade. O Tripé dos Três C's é uma síntese do que vem sendo construído pela autora neste período pandêmico do Coronavírus (COVID – 19), na qual cada C representa um dos eixos que também norteiam sua abordagem clínica que se inspira na teoria de Winnicott caracterizada pelo cuidado em seu sentido mais profundo.

Palavras-chave: espaço, ritmo, tempo, tripé dos três C's, Winnicott.

### ABSTRACT

This work aims to address the value and importance of rhythm, time and space in human constitution and development, according to the psychoanalyst D.W. Winnicott. Those aspects are crucial in a psychoanalytic practice that has as fundament the care, in the psychoanalytic setting. This comprehension is permeated by the ideas present in which was understood as the “Three Cs”, that is, confidence, communication, and continuity. The Tripod of the Three Cs is a synthesis of what the author of this paper has been developing during the COVID – 19 pandemic period. Each C represents one major element of her practice that has as inspiration the work of Winnicott, which is characterized by the care in its more profound meaning.

Keywords: space, rhythm, time, tripod of the three C's, Winnicott.

---

1 Psicóloga. Psicanalista em formação pela Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR). Coordenadora do Espaço Transicional Winnicott – Fortaleza. Membro do Grupo dos Encontros Brasileiros Sobre o Pensamento de D. W. Winnicott.

Ritmo: ausência-presença. Sequência, sucessão de tempos com intensidades marcantes que fluem em um movimento cadenciado, constante, contínuo, repetido, regular. O ritmo organiza os tempos no tempo. Se bem observarmos, os ritmos fazem parte de nossa vida desde sempre. E ajudam a nos constituirmos enquanto indivíduos.

Há tempo para tudo, já diz o livro sagrado (Eclesiastes 3:1). Temos na natureza seus exemplos de ausência-presença, não menos de discontinuidades. As marés vêm e vão, o sol ilumina, mas se recolhe para que a lua chegue. A semente se faz para que o fruto siga, a chuva rega a terra e o sol a aquece... Por aí a natureza segue. O ritmo se faz no bater de nosso coração, nos sons e movimentos de nossa respiração, no nosso acordar e dormir. São muitos os exemplos.

Há em cada momento riqueza, importância, interligação. Não há um momento sem o outro, nem outro sem um. E um está ligado, interconectado ao outro. E para além de uma simples ligação, se influenciam. O trânsito, o fluir de um tempo ao outro faz toda diferença.

O si mesmo, conquista e objetivo contínuo do indivíduo no seu vir a ser, também não foge à marcação rítmica. Pensando quanto ao amadurecimento humano, a capacidade de mantermos presentes em nós os primeiros objetos de amor e os levarmos ao longo da vida, mesmo em suas ausências e, ainda assim, não nos sentirmos sozinhos é fruto de uma longa caminhada de presenças-ausências no tempo e no espaço.

Ausência e presença são lados de uma moeda que possibilita o ritmo. Se pensarmos na constituição do humano, facilmente entendemos o que coloco. Não só de ausências se vive, nem tampouco só de presenças. Mas, sim da brincadeira e trânsito contínuo de um momento e de outro.

Dizem os poetas que a vida é a arte dos encontros e desencontros. Sem estes últimos não haveria os encontros. Nos perdemos para nos reencontrarmos. E nos reencontramos para nos perdermos.

E o que temos, nos inícios da vida, senão um ritmo cadenciado, previsível, constante de quem nos sustenta, cuida e nos apresenta o mundo pouco a pouco?

Ritmo esse que ativa o potencial inato. Potencial esse que todos possuímos e que se traduz na tendência à integração e na continuidade do ser na linha do amadurecimento humano.

A teoria do desenvolvimento emocional primitivo de D. W. Winnicott (2000), a meu ver, repousa sobre um tripé de três forças/bases: confiança, comunicação e continuidade, que chamei de Tripé dos Três C's ou Ideia dos Três C's. Forças/bases que se interligam pela esperança e a constância rítmica. Como se houvesse uma tecitura entre a esperança e a constância rítmica que age como grande fonte de energia que impulsiona a vida.

É um tripé dinâmico, flexível. Ele oscila de acordo com as contingências e acontecimentos da vida, tendo sempre como referência o momento do amadurecimento do indivíduo.

As forças/bases não são rígidas, tendem ao equilíbrio constante. Tal qual é a vida na sua amplitude e profundidade, onde nada é estático. Tudo está em movimento, amadurecimento, desenvolvimento, florescimento. Falamos de capacidades a serem conquistadas mediante a conjunção de vários fatores que se interligam e se influenciam.

Quem anima o tripé confiança-comunicação-continuidade do desenvolvimento emocional é o delicado entrelace da esperança com o ritmo. Uma dupla, onde um não existe sem o outro no que tange ao amadurecimento. Anima no sentido que impulsiona rumo à saúde ou não. Caso ajam dificuldades nessa tessitura em fomentar o potencial inato (a tendência a integração e a continuidade do vir a ser), as falhas podem ir se apresentando, demarcando e fissurando a linha da continuidade do viver.

Há uma repetição que se faz e se refaz, muitas vezes monótona, mas imprescindível

para garantir a constância rítmica e a esperança, dando tranquilidade e certeza que podemos confiar. Passo a passo.

Há um fluxo, um movimento, uma intensidade nessas presenças alternadas de ausências. O ritmo possibilita tempos que se intercalam. O que vai sendo vivido, sentido, experimentado e integrado. Estamos a falar do tempo e ritmo único, singular, jamais repetido igualmente: o tempo e a experiência da mutualidade vivida pelo bebê e sua mãe (cuidador). (Winnicott, 1989).

Atrelada à confiança, a constância rítmica nos enreda a continuidade na experiência do vir a ser nosso de cada dia, dessa forma, avançando na integração de nosso si mesmo, podendo existir, ser e se fazer no mundo. Naturalmente, se tudo correr bem, existindo, sendo, nós poderemos nos comunicar e encontrar possibilidades de formas de expressão. Se, gradualmente, no tempo e pelo tempo, pudermos ir descobrindo a presença do outro em nossa vida, a fagulha de alteridade poderá ser alimentada e experienciada por toda a vida. Assim, a continuidade do viver vai existindo, sendo e se fazendo. Essa constância rítmica pode até ser e é monótona nos inícios da vida, mas fundamental para ir estabelecendo a precisão rítmica de cada díade mãe-bebê que navegará pelas nuances infinitas da mutualidade. Essa íntima e fina possibilidade de comunicação silenciosa faz parte do tempo anterior às palavras, onde as sensações predominam, e só é possível mediante a preocupação materna primária.

A mutualidade vivida pelo bebê e sua mãe, mediante a preocupação materna primária, onde aquela se oferece ao seu bebê para que ele a encontre, achando que a criou (áreas sobrepostas da ilusão onipotente) é o que possibilita que, desse cisco, fagulha, faísca, lampejo de encontro (ou não), o tripé seja ativado (rumo à saúde ou não). Gradativamente, pela repetição rítmica dos cuidados devotos maternos no tempo e no espaço, a confiança, a comunicação e a continuidade vão tomando corpo, encorpando o desenvolvimento emocional primitivo. Resumindo: a mutualidade experimentada pela díade ativa a existência do tripé, que passará a ser base, meio e fim do desenvolvimento emocional primitivo.

Cabe aqui, distinguir o conceito de núcleo rítmico do Dr. Henrique Honigsztejn

(2014). Nele, a díade mãe-bebê é vivida numa intensidade, colocada pelo autor, potencializada. Isto é, o oferecimento, o investimento narcísico da mãe ao seu bebê, é de tamanha magnitude que um núcleo rítmico é ativado entre ambos. Nele, os espaços entre as ausências e as presenças tendem a ser mínimos e há um retardo quanto à percepção da realidade. Exatamente, por essa ativação rítmica, as faltas e falhas maternas são muito sutilmente vividas na mutualidade, onde o *holding* é quem domina esse movimento. A partir dessa experiência, desse *plus* de investimento narcísico materno e correspondência do bebê, podem surgir gênios, artistas, indivíduos em cuja existência a arte tenha um espaço ímpar, indivíduos cuja capacidade de trazer à tona seus impulsos do id é mais intensa e provável do que entrar em contato com as exigências da vida comum.

Entretanto, refiro-me a uma ativação do ritmo próprio do tripé dos três C's (confiança – comunicação – continuidade), resultante da simples experiência de mutualidade segundo o que Winnicott (1989) descreve, embora saibamos que de simples nada ela contém. Da faísca de encontro (ou desencontro) entre o bebê e sua mãe, vivida na mutualidade, é que teremos o fomento do potencial inato que possibilita o amadurecimento egóico, a expansão do self, a incorporação dos impulsos instintivos do id e a constituição de um indivíduo poder vir a ser. Ou seja, a tendência à integração e à continuidade do ser podendo acontecer. Assim, a confiança, a comunicação e a continuidade passarão a ser base, meio e fim do desenvolvimento emocional, como venho pensando inspirada em Winnicott (2000).

Pensar em preocupação materna primária nos remete a *holding*, *handling* e apresentação de objeto. Entretanto, neste trabalho não irei me deter, a não ser ao *holding* (Winnicott, 2000).

Ressaltamos, como bem sabemos, que sempre estamos a falar de capacidades, conquistas, tendências, integrações... Nada é estanque e definitivo. Da absoluta necessidade do outro, do ambiente que nos acolhe, como e quando nos acolhe, gradativamente, vamos deslizando do colo ao chão para continuarmos a aventura e conquista de nós mesmos e em direção à desafiante e instigante existência o mais independente possível do outro, mas com esse outro consagrado dentro de nós.

Dele, jamais deixamos de prescindir. Vamos discriminando e reconhecendo-o. O que é nosso e o que não nos pertence. E por termos vivido junto, já podemos ir nos separando pouco a pouco. Dessa forma, podemos amadurecer, desenvolver nosso eu e desaguarmos no oceano do viver, sem impormos ao outro o nosso ritmo, nem tampouco nos subjugarmos.

E como isso é possível? Vivendo... Criando. Recriando. Criando. Vivendo. Fazendo a vida valer a pena de ser vivida a si mesmo. E para isso, já a partir de todas as nuances da mutualidade, portanto, não há uma regra. Cada um busca fazer sentido a si e ao estar no mundo, podendo usá-lo de forma singular e melhor tudo o que é e tem.

A confiança surge da certeza que algo virá, acontecerá. E a certeza que algo virá surge da repetição: de novo, de novo, de novo... Repetição monótona muitas vezes, mas necessária na experiência da confiança.

E o que tudo o que expus tem a ver com o título desde trabalho?

O Ritmo, o Tempo, o Espaço?

Tudo.

O que é *setting*? O que é o espaço terapêutico?

Mais do que definir o *setting* é o uso que é feito dele que o caracteriza. Um espaço, um ambiente acolhedor onde o paciente possa sentir-se à vontade em ali estar. E não se restringe a um espaço físico. É para além dele. Se traduz em toda forma do analista receber e escutar seu paciente. Do cumprimento, do tom de voz, da atmosfera da sala, do preparo e cuidado ao receber aquele paciente, que é diferente de todos os outros. É único e, portanto, tem suas necessidades diferenciadas. Na continuidade das sessões, tais necessidades vão sendo atendidas à medida que sejam necessárias, e deixando de ser atendidas ao passo que já não são mais imperiosas.

Um *setting* maleável, porém não menos delimitado e cercado de segurança e firmeza até mesmo quando o paciente atua sua agressividade. Entretanto, forte e consistente o suficiente para sobreviver aos ataques destrutivos. Dessa forma, favorecendo ao objeto a possibilidade de experiências de sobrevivências e de reparações (Hisada, 2002).

Winnicott estava lá, vivo, inteiro, respirando e pronto para mais um, e mais um, e mais outro encontro humano com seu paciente. Quantos fossem necessários para favorecer seu desenvolvimento emocional. O *setting* não tinha como objetivo curar o paciente. Já seria de bom tom que ele conseguisse retomar sua linha do desenvolvimento, às vezes, podia sobrevir uma cura, outras não (Hisada, 2002).

Favorecer a retomada do amadurecimento passava pela regressão à dependência do paciente até o momento anterior à situação traumática, à falha ambiental. Tempo de muita vulnerabilidade que era sustentada de forma devotada. Sustentação conhecida como *holding* ou ainda apoio egóico.

De acordo com as ideias de Winnicott (2000), o *setting* é metáfora dos cuidados maternos. Podemos entender o espaço analítico como uma grande possibilidade de se conectar, compreender e acertar o passo do compasso rítmico do indivíduo em sofrimento psíquico.

Delicada e sutil construção entre analista e paciente. Melhor dizendo, construção experimentada no espaço transicional ou terceira área, ou ainda, espaço potencial. Espaço transferencial, da criação, do novo por excelência. A partir da sobreposição das duas áreas do brincar (do analista e do paciente), mediante o *holding* oferecido dentro de uma constância rítmica do analista, o paciente poderá regredir seguramente no *setting* e retomar sua linha do desenvolvimento. Retomar com mais *confiança* em si, nos outros, no mundo. Com mais possibilidades de *comunicar-se* de diversas formas. Com mais capacidade de dar *continuidade* de forma integrada e plena à sua vida. Ou seja, de tal forma que seu viver criativo se faça presente, que sua capacidade de estar só na ausência/presença do outro possa ser útil, sem que o desorganize. Que, pelo contrário, o indivíduo saiba fazer

um bom uso de sua refinada conquista, com a probabilidade de experimentar um si mesmo mais integrado e saudável consigo, com e no mundo (Winnicott, 1975).

A importância da constância do *holding* no *setting* rítmico nada mais é do que a estabilidade, manutenção, perseverança, consistência, perenidade, assiduidade, regularidade e continuidade da sustentação egóica do analista ao seu paciente. Essa postura teórica e clínica ecoa em minha prática de alguns anos para cá, com crianças, adolescentes, adultos jovens e maduros.

Necessário nos adaptarmos às necessidades do paciente, assim como uma mãe adapta-se às necessidades de seu bebê. Respeitando seus gestos espontâneos, acolhendo-os e dando sentidos a partir do movimento que o paciente apresente em sua análise, aguardando seu ritmo, seu tempo, seu espaço, sua caminhada. O cuidado com as interpretações para que não sejam intrusivas, que mais inibam e destruam algo que está para ser e se fazer, é fundamental. Também, não se trata de não interpretar nada, mas aguardar que, na grande maioria das vezes, o próprio caminhar já conduza o paciente a um entendimento das questões que se apresentam. E, na prática, quando acontece, tem grande poder de transformação.

Estamos presentes, mas também nos afastamos para que o paciente vá descobrindo e exercitando sua capacidade de estar só mesmo em nossa presença. Assim, nessas idas e vindas, presenças e ausências, a constância do processo analítico se faz em nossa clínica. Ressaltamos que com cada paciente há um ritmo, uma constância, um *holding* específico, único e singular que se traduz no processo analítico. Não há repetições nesse sentido. Assim como uma mãe não se repete na relação com cada um de seus filhos. Fica mais claro entender o *setting* analítico como metáfora dos cuidados maternos, ou seja, são semelhantes, mas não iguais. São comparáveis e podemos até transferir a mesma lógica, mas cada um tem suas especificidades.

Na nossa clínica, cada vez mais observamos que, quando o Tripé dos três Cs (confiança – comunicação – continuidade) é abalado, resulta num desenvolvimento emocional com dificuldades e interrupções no vir a si mesmo do indivíduo. Na transferência, percebemos quando a confiança é abalada, por exemplo, e a necessidade de comunicar-se e de seguir, de dar continuidade ao viver, sustenta e

fortalece o tripé, até que nas idas e vindas do desenvolvimento, a confiança possa retornar a sua potência e objetivo. Assim acontece com as outras forças/bases. Quando a continuidade no viver se apresenta obstruída, a confiança e a busca pela comunicação se aliam possibilitando que o fluxo da vida se faça e a tendência ao equilíbrio do tripé seja retomada. Quando a comunicação falha, podendo impedir ou dificultar o amadurecimento, a confiança busca a necessidade e tendência à continuidade do ser, até que se restabeleça a comunicação e o funcionamento mais harmônico do tripé.

E mesmo que, em algum momento da vida, as três forças/bases sejam severamente abaladas (como por exemplo, nesta pandemia do Covid-19), ainda assim irão buscar recursos na despensa afetiva para se reequilibrarem. Ou seja, nos registros de tudo o que foi vivido, nos objetos subjetivamente concebidos mediante as apercepções ao longo do viver, principalmente aquelas dos inícios da vida. Na essência e semente do que vem a ser a criatividade primária.

Entretanto, falando assim pode até parecer simples. Só que não é.

Necessário se faz percorrer e experimentar as forças e dificuldades da confiança – comunicação – continuidade já marcadas na constituição de cada indivíduo ao longo de seu desenvolvimento emocional. E como estamos a falar de uma dupla, analista-paciente, não podemos esquecer as experiências, conhecimentos, sentimentos, afetos, emoções do analista. Ele também é afetado mediante o sofrimento humano. A clínica do cuidado exige muito do analista quanto à sua formação teórica, sua análise pessoal e supervisão. Pois, a pessoa real do analista faz diferença. O si mesmo precisa estar presente sem que invada, transgrida, ultrapasse as possibilidades de favorecer o amadurecimento do paciente, mediante o *holding* e constância, assim como os cuidados maternos dos inícios da vida, conforme já mencionei anteriormente. Cabe ao analista reconhecer quando já é possível a seu paciente, por ter vivido suficientemente seu processo ilusório onipotente, vivenciar as desilusões naturais. (Winnicott, 1983)

Assim, o ciclo de repetições monotonamente vividas, antes tão necessário, se rompe ao novo, ao diferente, ao inusitado, deslizando nas asas da alteridade e

ensaiando voos novos rumo a linha do horizonte.

Voos que sempre terão em seus roteiros amores, desamores, encontros, desencontros, sofrimentos, dores, laços, nós...

## FINALIZANDO

O ritmo, o tempo, o espaço não só são fundamentais no desenvolvimento humano como também numa psicoterapia, numa análise. No embalo do ritmo, tempo e espaço se entrelaçam e tecem a existência do inconsciente, do indivíduo em si mesmo e no mundo. Curioso pensar que embora o inconsciente seja atemporal, não existe começo, meio e fim; passado, presente, futuro; antes, agora, depois... É justo pelas experiências vividas no tempo e no espaço que o inconsciente se faz.

Os laços e nós, estes últimos traduzidos por dores psíquicas por vezes insuportáveis, e por sofrimentos que tendem a fazer parte da condição humana em suas infinitas gradações, podem ter outros destinos num espaço terapêutico/analítico. Desde que o ritmo, o tempo e o espaço que laboriosamente vão se fazendo entre analista e paciente, sejam devidamente respeitados e atentamente vividos e criados por ambos.

O *holding* oferecido pelo analista possibilita a confiança. E para sentir confiança é preciso que esta seja animada pela esperança e pelo ritmo. Repetições. Ausências. Presenças. No tempo e no espaço. Assim, cria-se, recria-se o viver criativo. E a necessidade de comunicar, mesmo que por vezes seja o silêncio a falar, se (re) equilibra com a imperiosa necessidade da continuidade do ser e do viver.

## FRAGMENTO CLÍNICO

Há alguns anos, uma jovem me procurou. Na época, seus sofrimentos, suas dores se traduziam em excessos de bebida, sexo sem compromisso, exposições a situações perigosas a si e a outros, drogas e mentiras constantes por meio das quais sua realidade se fundia ao ponto dela mesma duvidar se não eram verdades. Já havia tentado entrar na universidade algumas vezes, mas não obtinha êxito.

O caminho foi se fazendo. A cada sessão. Nada fácil muitas vezes. Nem a mim, nem a ela. Mas, a esperança que num ritmo, num tempo, num espaço conseguiríamos caminhar, apesar de todas as dificuldades sempre esteve presente.

Hoje, alguns anos depois, o valor do tempo e da caminhada é ressaltado e reconhecido. Reconhecimento da imaturidade do início e das conquistas e capacidades do momento.

Escolheu outra profissão. Saiu do Brasil. Fez faculdade, deu início a uma pós-graduação. E ganhou uma bolsa de estudos. Os tempos dos excessos não foram esquecidos. Estão lá. Mas, seu olhar, sua compreensão, seus sentimentos e suas perspectivas já não são os mesmos. Orgulhosa de suas suadas conquistas, ela me disse como que a dizer a si mesma: “O tempo é importante... Dê tempo ao tempo...”

## REFERÊNCIAS

- Hisada, S. (2002). *Clínica do setting* em Winnicott. Rio de Janeiro: Revinter.
- Honigsztejn, H. (2014). *A psicologia da criação: um estudo para a criação artística e científica*. 3 edição. Curitiba: Maresfield Gardens.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D. W. (1989). A experiência mãe-bebê de mutualidade (1969). In *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott*. Porto Alegre: Artmed Ed., pp. 195-202.
- Winnicott, D. W. (2000). *Da pediatria à psicanálise obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago Ed.